

## *Acerca da irreversibilidade da grande tendência da abertura e das reformas*

*Wu Zhiliang\**

### I

Macau entrou numa fase de transformações nunca antes vista nos últimos séculos. A sociedade e a economia, através da “consolidação de bases e desenvolvimento firme”, política levada a cabo após o seu regresso à Mãe Pátria, sobretudo desde a adequada liberalização da indústria dos jogos, verificada em 2002, tem conhecido um desenvolvimento exponencial nos últimos anos. Como resultado, tem registado um rápido crescimento económico, um grande aumento das receitas financeiras, um constante aumento do salário médio, um marcante decréscimo da taxa de emprego e rápidas mudanças sociais, chamando a atenção do mundo inteiro. Ao mesmo tempo, vários problemas e contradições que têm estado ocultos, no que respeita à estrutura económica e relações sociais, têm vindo à superfície. O rumo do desenvolvimento e da perspectiva do futuro de Macau torna-se outra vez objecto de atenção de toda a gente. Ao começarem as discussões sobre estes problemas, há quem esteja mais entusiasmado e confiante, mas não falta, porém, quem se sinta inadaptado, mesmo perplexo, irritado, assustado, até desorientado. Trata-se duma situação que merece profunda reflexão.

O problema do rumo do desenvolvimento e da perspectiva do futuro de Macau, antes do seu regresso, já foi objecto de generalizadas discussões. Nessa altura, a economia encontrava-se em depressão, a ordem social caótica, as pessoas preocupadas e a estabilidade social estava em causa. Naquele tempo, os cidadãos, apesar de se sentirem extremamente impotentes e perdidos, nunca desistiram dos seus esforços, porque alimentavam uma esperança mais promissora e uma convicção firme de que após o estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau, onde eles seriam donos do seu destino, teriam capacidade de deixar bem governada e edificada a RAEM.

---

\* Doutor em História, Presidente da Assembleia Geral da Associação de Licenciados em Administração Pública.

De facto, após a criação do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, tanto o Governo como todos os círculos sociais têm-se firmemente unido e conseguido superar toda a espécie de dificuldades que apareceram a um novo governo, com sucessos obtidos que estão à vista de toda a gente. Hu Jintao, Presidente da República Popular da China, em Dezembro de 2004, quando esteve presente nas celebrações do 5.º aniversário do retorno de Macau à Mãe Pátria, fez uma avaliação altamente elogiosa sobre os êxitos conseguidos por Macau, nos seguintes termos:

*“Ao longo dos 5 anos, desde o retorno de Macau à Pátria, Macau tem vindo a apresentar uma nova fisionomia social. O Governo da Região Administrativa Especial de Macau, chefiado pelo Sr. Edmund Ho, animado de espírito unido, combativo, pioneiro e empreendedor, tem vindo a guiar as personalidades dos diversos círculos sociais de Macau a superar as múltiplas dificuldades e desafios causados pela crise financeira asiática, pelos transtornos do ambiente económico externo e pela pneumonia atípica, tendo resolvido apropriadamente uma série de questões importantes relacionadas com a conjuntura global e o desenvolvimento de longo prazo de Macau. Regista-se na Macau de hoje estabilidade social, contínuo desenvolvimento económico e satisfação de vida quotidiana e profissional por parte da população. A prática prova que as pessoas de Macau têm toda a inteligência, capacidade e meios para administrar, construir e desenvolver bem Macau.”*

Simultaneamente, o Presidente Hu lançou 4 votos:

*“1. Servir o povo é fundamental e melhorar constantemente o nível de gestão do Governo;*

*2. Concentrar-se na promoção total dum desenvolvimento sustentável e saudável da economia de Macau;*

*3. Com visão clarividente e projectos a longo prazo, reforçar a formação de toda a espécie de recursos humanos, necessários ao desenvolvimento de Macau;*

*4. Conjuguar todos os esforços para construir uma sociedade de tolerância, de benefícios mútuos e harmoniosa em Macau.”*

Por outras palavras, apesar dos êxitos conseguidos ao longo da existência de 5 anos da RAEM, existiam também muitos problemas e contradições por resolver. Problemas e contradições esses difíceis, só se podendo solucionar gradualmente com maior coragem, esforços e mais tempo.

Inesperadamente, após as eleições legislativas do ano passado, houve uma viragem negativa na situação social de Macau. Estas mudanças “repentinas” vieram com tanto ímpeto que produziram grandes impactos e abalos. Com as manifestações do “Primeiro de Maio” que se verificaram este ano, as contradições intrínsecas, ocultas durante muitos anos, acabaram por se tornar públicas. Está completamente a descoberto a disparidade entre o crescimento económico e o desenvolvimento social, o que leva parte das pessoas a duvidar do rumo do desenvolvimento e da perspectiva do futuro de Macau.

Os problemas lançados em contextos diferentes têm naturalmente as suas semelhanças e diferenças. Estas residem em que antes do regresso de Macau, o que se enfrentava era o não-desenvolvimento, a instabilidade social e a estagnação económica, enquanto que agora, são preocupações provocadas pelo próprio desenvolvimento. São preocupações nascidas do crescimento. Sobretudo, desta vez, o aumento não só se traduz na quantia mas também em reformas institucionais. Trata-se de mudanças por saltos, com estrutura, velocidade, profundidade e amplitude dum desenvolvimento económico exponencial e rápidas mudanças sociais fora de todas as expectativas. A semelhança reside em que as vigilantes preocupações das pessoas com o rumo do desenvolvimento e da perspectiva de Macau, são, em certa medida, pouco diferentes na sua conotação e essência, isto é, uma questão de como o desenvolvimento precisa e deve ser concretizado.

Pelo lado positivo, o lançamento destes problemas contribui para que possam ser reflectidos com maior profundidade e discutidos com maior amplitude. É uma coisa animadora que personifica o espírito dos cidadãos de serem os senhores do seu destino e que reflecte a atenção dos cidadãos aos assuntos sociais e à sua participação neles. Também mostra a consciência de “**em tempos relativamente pacíficos, devemos pensar na adversidade**” dos cidadãos, porque se trata de uma questão omnipresente e que precisa de resposta e solução.

## II

Para responder a esta questão, é preciso apurar como é que surgiu Macau, é necessário conhecer e analisar os trilhos históricos e o latente modelo de desenvolvimento de toda a evolução da história de Macau.

Macau foi uma das primeiras cidades portuárias abertas da China. Foi em certo sentido a primeira zona especial da China. Em pleno século XVI, quando a história mundial iniciou a sua era moderna e a globalização económica começou a dar os seus primeiros passos, houve intensos intercâmbios económicos, comerciais e culturais entre o Oriente e o Ocidente. Macau, como uma cidade portuária e zona especial participou activamente no processo da primeira fase da globalização e tornou-se numa das cidades comerciais mais importantes da Ásia. Pode afirmar-se que o surgimento de Macau foi consequência da primeira fase da globalização.

É de destacar que até meados do século XVII, Macau teve mais de um século de prosperidade baseando-se no monopólio do comércio entre a China e o Japão. Na medida da paulatina abertura dos mercados das zonas limítrofes e da sucessiva chegada de outras potências europeias, Macau perdeu os benefícios resultantes deste monopólio comercial e encaminhou-se para uma paulatina decadência. Até às Guerras do Ópio, o seu estatuto de cidade portuária foi substituído por Hong Kong. A partir daí, durante mais de um século, a economia de Macau tem-se desenvolvido um pouco ao Deus dará. Terminado o ciclo do comércio do ópio e de culés, optou-se pelos jogos. Neste período, apesar de ter havido algumas indústrias, tais como a da pesca e de panchões, Macau nunca saiu da condição de sub-desenvolvimento, embora com altos e baixos. Macau foi esquecida do mundo durante muito tempo, sem dar sinal da sua existência. O ressurgimento de Macau moderno começou verdadeiramente com as reformas e a abertura da China nos finais da década de 70 do século passado. Através de um rápido desenvolvimento de 25 anos, a política, a economia e a sociedade de Macau conheceram mudanças sem precedentes. Após o regresso de Macau, sobretudo através do rápido desenvolvimento obtido nos últimos anos, a cidade, que é considerada o Diamante do Oriente, torna-se mais brilhante e goza de um renome mundial. Pode afirmar-se que o desenvolvimento de Macau é o resultado da política das reformas e da abertura da China.

O surgimento e o desenvolvimento de Macau tem dependido completamente do seu estatuto de zona especial dentro da ordem chinesa, que lhe tem trazido vantagens institucionais e políticas. Graças a estas vantagens comparativas, Macau tem obtido a sua “margem do interesse”. As condições necessárias à criação e ao aproveitamento da “margem do interesse”, baseada nas vantagens comparativas, são a abertura da economia e da sociedade para o exterior e a participação na concorrência regio-

nal e internacional. Por esta razão, pode afirmar-se que a base da sobrevivência de Macau e o seu nível de desenvolvimento dependem completamente do grau da sua abertura e da sua competitividade.

Não obstante, a dimensão da “margem do interesse” tem que ver com as vantagens comparativas relativas e o grau de abertura que um território possui nas concorrências regionais e internacionais. A vantagem comparativa é relativa e o grau de abertura também o é. Face ao aumento da vantagem comparativa e do grau de abertura de outros territórios, torna-se relativamente reduzida a “margem do interesse” do território de Macau que estava na vanguarda. Nestas circunstâncias, se se quiser manter uma maior “margem do interesse”, é preciso aumentar a competitividade. Com a liberalização dos jogos, Macau tem introduzido uma adequada concorrência e tem-se esforçado por maximizar as suas vantagens comparativas na divisão de trabalho regional, e tomar a indústria de jogos e turismo como as locomotivas para promover o desenvolvimento de outras indústrias. Isto torna-se uma escolha política inevitável, correspondente à continuidade do tradicional modelo de desenvolvimento e às regras de desenvolvimento históricas de Macau. Sendo assim, é a melhor escolha de um caminho viável nas circunstâncias em que nos encontramos. No entanto, é preciso ter a clara consciência de que a adequada liberalização dos jogos constitui uma evolução institucional, um desenvolvimento saltante do grau inferior para o grau superior, de maneira que precisamos de estar suficientemente preparados em termos mentais, conceituais, psicológicos e de conhecimentos para enfrentar os desafios nunca antes vistos.

### III

As ondas da globalização vêm umas atrás das outras, a assolar todos os cantos do mundo, obrigando as diferentes nações e países a abrir as suas portas. O rápido desenvolvimento da sociedade informática e do conhecimento, em consequência da revolução tecnológica, tem promovido a civilização humana para um novo nível, bem como para uma fase nunca dantes vista de concorrência entre os países e territórios diferentes. Até agora, não foi possível prever se a globalização iria resultar em progressos da civilização humana, desastres ou bem-estar. No entanto, se não se quiser sair da arena planetária, parece que não haverá outro caminho a seguir senão participar na concorrência internacional resultante da mundialização.

Na verdade, Macau foi produto da primeira fase da mundialização. Apesar de ter tido, em períodos diferentes, participações de maior ou menor intensidade, nunca abandonou a arena da globalização. Já que temos o caminho escolhido, porque é que ainda se insiste em perguntar “para onde é que vamos?” Será porque não se sabe em que lance do caminho nos encontramos ou estamos completamente perdidos?

Por esta razão, precisamos de apurar onde é que nos encontramos. Os condutores, habituados a conduzir pelas estradas secundárias, ao entrar de repente numa auto-estrada, ficam mais excitados, com a sensação de ter descoberto todo um novo mundo e não falta quem fique perplexo, confuso, até preocupado e assustado ao ficar desorientado.

Estamos exactamente nesta última situação.

Primeiro, sendo praticamente passivo o surgimento e o desenvolvimento de Macau, apesar da nossa participação e dos nossos esforços, as principais forças motrizes têm sido praticamente exteriores. Não fizemos nada mais do que tirar proveito das circunstâncias favoráveis para o nosso desenvolvimento e a obtenção da “margem do interesse”. Isto, não porque não tenhamos qualificações especiais ou maiores capacidades do que os outros, mas apenas fruto do resultado das circunstâncias favoráveis. Por outras palavras, não tomamos a iniciativa de planear e construir estradas, até porque não tivemos conhecimento suficiente do estado das vias rodoviárias. Ficámos simplesmente ao volante. Umhas vezes corremos mais acelerados, outras vezes menos rápidos, porque temos veículos superiores aos dos outros. Seria mesmo difícil apurar se teríamos melhor técnica de condução do que os outros. Agora, quando entramos de repente na auto-estrada, é inevitável que haja dúvida e aflição em relação à nossa capacidade e à nossa confiança.

Segundo, o surgimento e o desenvolvimento de Macau têm dependido do destino e da situação factual da China. As vantagens comparativas que Macau possui também são principalmente em relação às províncias e municípios do interior da China que têm falta de experiências modernas da concorrência regional e internacional. À medida do aprofundamento da globalização, da abertura e das reformas em todos os sentidos da China, e do seu rápido crescimento económico, precisamos de reconhecer que as vantagens relativas de Macau estão em acelerado decréscimo. O interior da China, após mais de duas décadas de desenvol-

vimento, surpreende o mundo com a sua velocidade, profundidade e amplitude. Em comparação com Shenzhen, Guangzhou, Shanghai e Pequim, entre outras cidades, Macau, em muitos aspectos, além de não ter vantagens como parece, está evidentemente atrasada em muitos sectores. Por isso, está perante pressões externas nunca antes sentidas.

Terceiro, a urbanização e a modernização de Macau têm vivido um processo exponencial, extremamente acelerado, que merece toda a nossa atenção. É curioso ver que a abertura para o exterior não tem provocado a sua correspondente abertura interna. O crescimento económico não tem trazido os seus correspondentes progressos sociais. As hardwares não têm as suas softwares em correspondência. Nos longos 12 anos do período de transição, anteriores ao retorno, toda a atenção social se concentrou nos temas políticos. O desequilibrado e deficiente desenvolvimento não foi corrigido nem reajustado, o que tem deixado as contradições entre a economia e a sociedade mais profundas e as suas relações mais tensas.

De facto, toda esta situação e os problemas referidos não têm passado despercebidos. Até houve discussões de graus diferentes. No entanto, a especial tipologia do desenvolvimento de Macau e o especial ambiente social tem-nos ocultado numa nebulosidade. Estamos habituados a uma vida sem vicissitudes, às mudanças suaves e a uma maneira de estar sem concorrência; enfim, a uma vida sossegada, acomodada e confortável. Aliás, este tradicional modelo operacional da sociedade de Macau tinha sido eficaz, sem necessidade de rasgar este véu para mexer num ambiente harmonioso e nas relações bem concertadas.

No entanto, esta situação de auto-satisfação e de auto-deleite só pode ser mantida numa sociedade relativamente conservadora e fechada. Esta harmonia é de baixo grau e esta concertação não resiste a nenhum conflito de interesses vitais. Uma vez aumentado o grau de abertura, introduzida a concorrência, sujeitos aos impactos relativamente violentos vindos de fora, este véu translúcido será rasgado de modo que o tradicional modelo de funcionamento interno sofrerá uma baixa eficácia, até descontrolo, provocando o imediato surgimento de múltiplos problemas e contradições. Quando isto acontecer, a mentalidade das pessoas poderá sofrer impactos muito violentos e o Governo e a sociedade enfrentarão pressões maiores.

Estas são as circunstâncias em que nos encontramos actualmente.

## IV

Nos quase sete anos, desde a reintegração de Macau, o PIB e as receitas financeiras têm duplicado. O rendimento *per capita* também tem conhecido um considerável aumento, mas nem toda a gente tem beneficiado do crescimento económico. A disparidade entre os pobres e os ricos tem sido mais acentuada. Apesar do aumento paulatino do orçamento para a acção social, o sistema da segurança social está por ser aperfeiçoado. A maioria das pessoas de meia-idade sentem-se perplexas, perante a vida pós-reforma. A taxa de desemprego continua em decréscimo, mas perante as novas concorrências, as pessoas sentem-se menos seguras nos empregos do que antigamente. A drástica valorização dos imóveis encheu o bolso de algumas pessoas, mas também tem tornado mais afastado o sonho de possuir uma propriedade imobiliária por parte de algumas pessoas e tem agravado o encargo dos inquilinos. Os equipamentos urbanos têm conhecido um evidente aumento, que tem provocado melhorias no panorama urbanístico; no entanto, o desenvolvimento urbano integrado continua a não ter o seu plano a longo prazo. Grande número de novas construções tem suscitado a preocupação de algumas pessoas, em relação à protecção dos monumentos históricos. O drástico aumento dos turistas tem levado ao crescimento económico, mas também tem trazido grandes pressões sobre o ambiente. O aumento de rendimento por parte das pessoas traduz-se num maior poder de aquisição de veículos, o que está na origem da sobrecarga do sistema rodoviário, tornando os problemas de tráfico mais prementes. Apesar dos constantes aumentos de investimento na educação, as habilitações e o nível cultural médio dos cidadãos continuam baixos, verificando-se uma grave falta de profissionalização, que está longe de poder corresponder às exigências duma sociedade do conhecimento. Embora haja um aumento crescente do desejo de participação e do sentido de identidade dos cidadãos, o nível da participação política e da consulta política continuam abaixo do nível médio, não tendo uma paridade desejável de oportunidades de participação política e de consulta política nem uma funcionalidade aceitável das vias da mobilidade social para todos. O Governo tem vindo a levar a cabo reformas que visam servir melhor o povo; porém, está longe de poder satisfazer as exigências do rápido desenvolvimento social e dos ansiosos desejos dos cidadãos. Ainda se verifica uma desadaptação entre a lei e a sociedade, com um longo caminho a percorrer para atingir a sua modernização. Todos estes problemas e contradições têm levado as pessoas a começar a

duvidar do rumo de desenvolvimento e da perspectiva do futuro de Macau e a preocuparem-se com eles.

É inegável que Macau se encontra numa encruzilhada do seu desenvolvimento: isso podemos afirmar sem receio! Certo é que tanto o Governo como a sociedade devem conjugar os seus conhecimentos e esforços numa tentativa de resolver ou atenuar os problemas e contradições acima mencionados. Em primeiro lugar, é preciso ter a plena consciência e chegar ao consenso sobre com que mentalidade vamos enfrentar estes problemas e contradições. Só com uma mentalidade normal e com uma atitude objectiva e racional é que podemos ter uma percepção e interpretação correcta dos próprios problemas. Só assim é que poderemos encontrar onde estão os problemas para podermos achar as soluções correspondentes, com métodos e projectos aceitáveis pela maioria dos cidadãos, a fim de podermos resolver de maneira atempada, rápida e eficaz, acumulando experiências e tirando lições para consolidar os frutos da abertura e das reformas, a fim de explorar e encontrar a estratégia, o modelo e o caminho para o futuro desenvolvimento de Macau.

Se abandonarmos todos os preconceitos e se analisarmos com objectividade e racionalidade os problemas e as dificuldades que enfrentamos neste momento, não será difícil de descobrir:

Primeiro, que a maioria destes problemas, dificuldades e contradições já existem de há muito tempo, não tendo sido resolvidos atempadamente e deixando-os ficar incubados durante muito tempo devido ao baixo grau de integração política e ao baixo nível do desenvolvimento que a sociedade e a política de Macau têm vivido. O desenvolvimento em saltos dos últimos anos acelerou a revelação destes problemas e a manifestação destas dificuldades e intensificou a explosão das contradições. Dum ponto de vista mais amplo e a longo prazo, isto talvez não seja nada negativo, mas antes positivo. Verdade é que não devemos nem podemos ocultar para sempre os problemas existentes, sem lhes dar a devida importância.

Segundo, que o desenvolvimento evidentemente traz consigo bastantes novos problemas, dificuldades e contradições, mas isso é um processo doloroso inevitável enquanto entramos numa fase de “engarrafamento” para o desenvolvimento. Em certo sentido, é o caminho indispensável para o desenvolvimento e são os custos a pagar. Muitos países e territórios, no seu processo de modernização, também pagaram esses custos. Verificaram-se situações de sobrecarga ou falta de vontade de pa-

gar esses custos, sobretudo por aquelas pessoas que não têm tirado muitos proveitos desse processo ou dele sairão prejudicadas. Porém, os problemas do desenvolvimento têm de ser resolvidos no processo do próprio desenvolvimento. O recuo tornará os problemas mais graves.

Terceiro, que para as pessoas que já estão habituadas a uma vida tranquila e acomodada, estas mudanças vieram demasiado precipitadas e rápidas, que as deixam momentaneamente inadaptadas. Não estão mental e psicologicamente preparadas, em termos de conhecimentos e capacidades. As pressões psicológicas drasticamente aumentadas deixam algumas pessoas em estado de choque, sem saber o que fazer. Desta maneira, alguns problemas que nunca haviam sido tidos como tais, agora transformam-se em grandes “problemas”, até provocam certas ilusões que agravam os problemas e agudizam as contradições.

Certo é que um Governo responsável e um cidadão responsável, perante qualquer circunstância nova e fenómeno novo, devem ter a sua meticulosa observação e atenção em alerta, devendo fazer os preparativos quanto antes para as medidas preventivas. No entanto, o bom senso diz-nos que quando mais complicadas são as circunstâncias, mais devemos ficar serenos e racionais. Doutra maneira, o nosso juízo será gravemente afectado e a nossa convicção poderá ser abalada. Encontramo-nos num momento crucial do desenvolvimento histórico de Macau, que nunca teve tão boas oportunidades e condições, como as que temos agora para criar uma nova conjuntura que contribua para revitalizar a economia e reformar a sociedade. Poderemos ficar vencidos de maneira resignada pelas dificuldades e problemas actuais? Aliás, ainda mantemos bastantes vantagens em muitas áreas. Se nos mativermos unidos e conjugarmos esforços como fizemos no início da vida da RAEM, e ganharmos coragem para superar as actuais dificuldades, com maiores progressos e inovações, para libertar ao máximo as potencialidades da abertura e das reformas de forma a assegurar um crescimento económico sustentável e estável, daqui a 5 ou 6 anos, o PIB poderá ainda duplicar e as finanças públicas serão mais saudáveis, estáveis e sólidas. Nessa altura, os cidadãos terão melhores garantias, no que diz respeito à educação, assistência médica e bem-estar social e a sua qualidade de vida poderá conhecer grandes melhorias. Se não deixarmos fugir estas oportunidades raríssimas e nos servirmos delas para alargar a nossa visão, assimilar conhecimentos, acumular experiências e elevar capacidades, a nossa própria qualidade e convicção também conhecerão consideráveis aumentos. Então, não estará muito longe

o dia em que os residentes terão uma vida quotidiana e profissional satisfatória. O mais importante é administrar, construir e desenvolver bem Macau, que é uma sagrada missão que a história confia aos cidadãos de Macau. Trata-se da concretização da grande empresa “Um país, dois sistemas” e “Macau governada pela sua gente”. São ansiosas esperanças que a Mãe Pátria e todo o povo chinês depositam em nós. Como podemos abandonar tudo isto de ânimo leve? Mesmo querendo abandoná-lo, na batalha da globalização, se não tentamos sair dos múltiplos cercos, teremos para onde recuar?

Karl Popper, autor do *The Open Society and Its Enemies*, destaca, no seu livro, que as pessoas que já tomaram o gosto do fruto da liberdade, não terão possibilidade de voltar ao obscurantismo. A porta de Macau já está escancarada. Não haverá a possibilidade de se tornar a encerrar. A abertura e as reformas já deram o seu primeiro passo decisivo e a sua tendência predominante já é irreversível. Por maiores que sejam os desafios pela frente e numerosas que sejam as dificuldades e riscos, só nos resta empenharmo-nos na convicção das reformas para auto-elevarmos e nos aperfeiçoarmos constantemente e continuarmos com firmeza pelo caminho de abertura. Teremos outra alternativa, a não ser esta?

